

# Índios fincam o primeiro marco

Silvio Avila/ZH

Os caingangues querem que a Funai assuma a demarcação da área de 275 hectares, onde está o aeroporto invadido

CLARINHA GLOCK



Preocupação: crianças no acampamento começam a sofrer com a gripe e com a falta de medicamentos

Iraí — Os índios caingangues fincaram ontem o primeiro marco da área de 275 hectares de Iraí reivindicada na Justiça. Depois de terem invadido o aeroporto da cidade na terça-feira, considerado também área indígena, eles prometem prosseguir na demarcação até que a Funai assuma oficialmente esse trabalho. Os caingangues disputam desde 1982 com a prefeitura municipal esta fatia de terra em torno da aldeia que já ocupam no município, às margens do Rio do Mel. Para ocupar a área agora, eles se baseiam na portaria 00247, de 28 de março, do ministro da Justiça Célio Borja, autorizando a Fundação Nacional do Índio (Funai) a demarcar a área. Ainda ontem, o subchefe da Casa Civil para Assuntos do Interior do governo do Estado, Alfredo Abiaga, e o diretor geral do Departamento Aeroviário do Estado (DAE), Rudi Barlem, se deslocaram de helicóptero para Iraí, com o objetivo de avaliar a situação e fazer um relatório para o governador Alceu Collares.

O helicóptero sobrevoou a pista do aeroporto, mas acabou pousando num campo de futebol próximo, apesar da promessa dos índios de permitirem a aterrissagem, e da curiosidade das crianças acampadas na área em torno da pista. Na reunião com o prefeito da cidade, Pedrinho Osvaldo Viana (PDT), o cacique de Iraí, Jair Sales, e outras lideranças indígenas reafirmaram para Alfredo Abiaga a disposição de continuar na área, baseados num radiograma do delegado da Funai em Passo Fundo, Irani Cunha. Na mensagem, o delegado informou que a portaria do ministro Célio Borja não foi suspensa, como alega o prefeito Viana.

COLONOS — O subchefe da Casa Civil repetiu: mesmo que a portaria esteja valendo, quem demarca é a Funai. "Hoje não contestamos o fato dos índios estarem acampados

no aeroporto, apesar do perigo que representa", admitiu Abiaga. Mas se sair outra portaria, acrescentou, "vamos ter de nos reunir de novo". O diretor-geral do DAE, Rudi Barlem, disse apenas que vai esperar a decisão do Ministério da Justiça. O aeroporto de Iraí é um importante ponto de entrada e saída para a região, pois fica junto à fronteira do Estado.

Para o prefeito Pedrinho Viana, a ação dos índios significa uma tentativa de invasão total. "Tenho quase certeza que deve haver conflito com os colonos", disse o prefeito. Ele diz que solicitou à Brigada Militar uma atenção maior na área para tranquilizar os moradores. Os índios, por sua vez, também temem que as 40 famílias de colonos que ocupam a terra reivindicada partam para algum confronto. "Se depender de nós, não queremos violência", lembrou o cacique Sales. O agricultor Firmino Dias dos Santos, 38 anos, há 11 num pedaço de terra de quatro hectares dentro daquela região, concorda. "Conflito não resolve nada. Mas se a área for demarcada, o governo vai ter de nos indenizar ou nos colocar noutra terra que seja produtiva", avisou Firmino, que passou o resto da manhã junto à casa do zelador do aeroporto, espiando os índios acampados.

## Águas termais geram discussão

Iraí — O ato simbólico do início da demarcação das terras indígenas em Iraí, a 470 quilômetros de Porto Alegre, animou os quase 300 índios da reserva e de outros postos, como Cacique Doble, Votouro, Ligeiro, Carreiteiro, que vieram dar apoio. "O marco é garantido pela Constituição, então deve ser respeitado", avaliou o cacique Jair Sales. "Por mim, não tem problema, é um direito deles", disse a colona Lúcia Marlene Dias do Santo, moradora da casa próxima ao marco, na estrada que vai de Iraí a Planalto.

Há muitas crianças no acampamento junto ao aeroporto, e a gripe e a falta de alguns medicamentos começam a preocupar depois da última chuva. Mas os caingangues prometem prosseguir com a demarcação em 12 pontos do território. Um dos integrantes da Organização dos Índios do Sul (Onisul), que está apoiando o movimento, lembra que o índio já se conscientizou da importância de preservar a mata naquela área.

RESPOSTA — A preservação do local é uma das preocupações levantadas pelo prefeito Pedrinho

Viana para exigir a saída dos índios. O assunto já gerou uma nota de cada parte, defendendo sua posição, através da rádio local, que acompanha o caso, porque Iraí é conhecida como o balneário de águas termais, e o turismo é que movimenta a cidade. O prefeito teme que os índios cobrem pelo uso das fontes minerais que existem na terra pleiteada. Outro ponto que o incomoda é a ocupação do aeroporto.

Viana aguarda a resposta do juiz Nyelson Paim de Abreu, de Passo Fundo, sobre a medida liminar em que pede a retirada dos caingangues do aeroporto. E disse que, assim que tiver uma posição neste sentido, em Brasília, dois advogados seus entrarão com um mandado de segurança pedindo a reintegração de posse daquela área. Nos documentos que enviou para análise do ministro da Justiça pedindo a suspensão da portaria número 00247 — que se baseou no estudo antropológico da Funai, provando que a terra é indígena —, ele alega que a terra é e sempre foi do município, e que os caingangues só permaneceram numa aldeia ali dentro porque os prefeitos na época, resolveram fazer "um favor".

## Derrame mata o chefe mais antigo dos caiapós do Brasil

Belém — O cacique Tutu Pombo, o chefe mais antigo dos índios caiapós do Brasil, morreu ontem, aos 66 anos, vítima de um derrame cerebral, em sua aldeia amazônica do sul do Estado do Pará. Como grande chefe dos caiapós, Tutu Pombo estava à frente do comércio de madeiras, que em poucos anos converteu os 2 mil caiapós nos índios mais ricos do Brasil. Em 1977, os caiapós

começaram a explorar a enorme riqueza florestal de suas terras amazônicas e somente nos últimos quatro a venda de madeira lhes permitiu embolsar uns 60 milhões de dólares.

No início de junho de 1990, o cacique Tutu Pombo, que gostava também de ser chamado de coronel Pombo entre os brancos, aproveitou uma reunião de caciques caiapós em sua aldeia Kikretun para

destituir o cacique Raoni, famoso por suas viagens internacionais com o roqueiro inglês Sting. Pombo assumiu a liderança e declarou-se o único porta-voz dos cerca de 4 mil caiapós. Pombo consolidava assim uma liderança obtida graças principalmente ao dinheiro resultado dos negócios com madeira e ouro com os brancos.

O golpe foi a conclusão de um longo trabalho que fez recuperar

prestígio entre os caiapós. Com apenas cinco anos de idade, ele foi expulso da aldeia pelas irmãs. Seus pais haviam morrido pouco antes num confronto com os brancos. Até os 15 anos Pombo viveu entre os brancos, quando voltou aos caiapós. Em 1975, ele aproveitou uma divisão provocada pela morte dos caciques de uma das aldeias e fundou a aldeia Kikretun, tornando-se seu cacique.